

**O PADRE IBIAPINA, PRECURSOR
DA OPÇÃO PELOS POBRES
NA IGREJA DO BRASIL**

Luis Araujo Pinto Júnior SJ

Introdução

Pe. Ibiapina (1806-1883) protagonizou, por antecipação, a opção pelos pobres formalizada em Medellín e reassumida em Puebla. Foi um de seus precursores.

A releitura da história do Pe. Ibiapina – seu testemunho de vida, sua pregação, sua atuação missionária, suas iniciativas no âmbito social caritativo – revela seu caráter profético de homem comprometido com a Igreja, capaz de olhar, no entanto, para além do espaço eclesial, onde encontra os pobres, os principais beneficiários de sua ação e razão de ser de seu ministério. Faremos, neste texto, uma espécie de mapeamento da atuação do Pe. Ibiapina, com o objetivo de evidenciar o filão da opção pelos pobres que dá unidade aos vários âmbitos de seu trabalho pastoral.

O trabalho se desenvolve em cinco partes. A primeira parte recolhe, basicamente, os traços principais da biografia do Pe. Ibiapina. A segunda apresenta sua dimensão missionária, mostrando como para os pobres convergem os seus interesses e como conta com os pobres, os beatos e beatas, para que seu trabalho tenha continuidade. A terceira parte descreve o apostolado social do Pe. Ibiapina como resultado de sua ação missionária, que o confrontava com a vida sofrida dos pobres. A quarta parte relaciona o Pe. Ibiapina com outros dois fenôme-

nos nordestinos, em termos de opção pelos pobres – Antônio Conseqeheiro e Pe. Cícero Romão Batista, mostrando os pontos de convergência e de distinção entre eles. Finalmente, a quinta parte atualiza a figura e a ação do Pe. Ibiapina, de forma a torná-lo inspirador para quem, hoje, busca ser fiel às exigências do evangelho.

I. Pe. Ibiapina e seu tempo

1. Origens

José Antônio Pereira nasceu em 5 de agosto de 1806, na fazenda Morro, onde hoje se encontram os bairros periféricos da cidade de Sobral, Estado do Ceará. Ibiapina vem da cidade homônima, situada na serra da Ibiapaba, uma pequena vila, onde ele viveu com seu pai, durante alguns anos. Seu pai, Francisco Miguel, que militou na Confederação do Equador (1824), acrescentou esse termo ao seu sobrenome como ‘nome de guerra’, como era costume entre os revolucionários da época; o mesmo fizeram seus filhos, herdando esse mesmo sobrenome. Por isso, mais tarde se chamaria José Antônio Ibiapina.

2. Escola

O sertão foi a sua primeira grande escola. Embora o homem não seja somente produto do seu meio, este vem a influenciar e a forjar sua personalidade. Tal foi o caso de Ibiapina: ele é filho do sertão¹, dado cultural importantíssimo, que ficará impresso em seu caráter.

Enquanto esteve morando na Fazenda Morro, durante os dez primeiros anos de sua vida, Ibiapina recebeu, como educação formal, as primeiras noções tanto de alfabetização como de catequese. Seu primeiro contato com a escola formal foi na Vila de Icó, município mais populoso do Ceará pelos anos de 1816². Icó era um importante centro comercial devido à cultura do algodão. Para lá se mudou Francisco Pereira, pai de Ibiapina, com toda sua família, em vista de assumir “as funções de escrivão do crime e das correções”³. José Ibiapina frequentou uma escola particular até o ano de 1820, quando seu pai foi transferido de Icó para o Crato. Depois de quatro anos em Crato, Ibiapina

¹ Etimologicamente a palavra sertão “parece ser forma aferética de ‘desertão’, nome que os portugueses usavam para diferenciar a região agreste da do litoral”. Cf. F. S. de ARAÚJO, *Padre Ibiapina: Peregrino da Caridade*, S. Paulo: Paulinas, 1996, p. 73. Doravante esta obra será referida com a sigla *PIPC*.

² Enquanto a atual capital, Fortaleza, contava com 1.200 habitantes (13.300 todo o município), Icó já alcançava o expressivo número de 17.700. Cf. F. S. de ARAÚJO, *PIPC*, p. 78.

³ *PIPC*, p. 78.

foi para A Vila do Jardim, onde pôde cursar humanidades até 1823. Neste mesmo ano, foi considerado apto para estudar no Seminário de Olinda; porém sua permanência foi de apenas 35 dias, por causa do falecimento de sua mãe. A partir de então, teve de ficar com seu pai, até o dia em que, em maio de 1825, este foi “injustamente arcabuzado e o irmão mais velho (...) trucidado, ambos mártires da Confederação do Equador”⁴. Depois dessa tragédia, Ibiapina, na qualidade de irmão mais velho, teve que assumir a paternidade dos irmãos menores (1 menino e três meninas). A situação familiar só foi recomposta em fins de 1827.

3. *Direito*

Em fevereiro de 1828, Ibiapina voltou a matricular-se no Seminário de Olinda. A novidade que lhe apareceu naquele momento foi a possibilidade de se inscrever também no curso de Direito, que tinha sido aberto no ano anterior. O Seminário concedia a possibilidade de se fazer os dois cursos simultaneamente. José Antônio alimentava, desde cedo, o desejo de ser padre e, por que não, de trabalhar pela justiça. Por influência e testemunho recebido de seu pai, viu nesse momento a oportunidade de concretizar ambas as vocações. Mas, ao começar o curso jurídico em 2 de junho do mesmo ano, viu a incompatibilidade dos horários entre o Seminário e a Faculdade. Resolveu, então, abandonar o curso seminarístico e passou a dedicar-se somente ao Direito.

Em 9 de outubro de 1832, recebeu o título de Bacharel em Direito. Seu exame final foi tão brilhante que a comissão examinadora apresentou seu nome à direção para que fosse indicado como professor substituto da disciplina de Direito Natural.

Com o título de Bacharel em mãos, Ibiapina estava apto para, além das funções de advogado, exercer também a vida pública, já que o curso era chamado de Ciências Jurídicas e Sociais, formando não somente “homens da justiça, mas também homens próprios para os empregos da Fazenda, Política, etc., para termos bons juizes, bons advogados, bons legisladores”⁵.

Nessa época havia uma carência grande de professores bem formados. Ibiapina veio a preencher essa lacuna, pois seu Bacharelado conferia-lhe também essa função. Foi nomeado professor de Direito Natural, no dia 1º de fevereiro de 1833, e começou a exercer suas funções em fins de março do mesmo ano. Antes passara três meses de férias no Ceará; permaneceu um tempo na casa de Dona Ana Araripe, viúva de Tristão Gonçalves, na cidade do Crato; aí conheceu e sentiu simpatia por

⁴ *PIPC*, p. 111.

⁵ J.A.C. SILVA, “Criação dos cursos jurídicos no Brasil”, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977, pp. 414.444, *apud PIPC*, p. 141.

Carolina Clarence, filha da viúva, com quem chegou a namorar e tornar-se noivo, e ficou de retornar nas próximas férias para preparar o casamento. Quando retornou, após o ano letivo, soube que sua noiva lhe havia traído, casando-se com um primo dela. Neste ínterim, recebeu “a comunicação de que fora eleito deputado geral, sendo o mais votado entre os oito escolhidos para representar o Ceará na Assembléia Legislativa Nacional”⁶. Com a notícia sobre a ex-noiva, resolveu embarcar para o Rio com antecedência. Depois dessa decepção, Ibiapina nunca mais pensou em casamento. Isso não significa que tal ocorrido tenha influenciado sua futura decisão de ser padre, pois tal pensamento já o acompanhava desde a infância. Porém isso não deixou de ser uma nova pista para o caminho que Deus lhe ia apontando.

Chegando ao Rio, soube que fora “nomeado Juiz de Direito da Comarca cearense de Campo Maior (hoje, Quixeramobim), por Carta Imperial de 13 de dezembro do mesmo ano”⁷. Resolveu tomar posse como Juiz somente depois “dos trabalhos legislativos da sessão de 1834”⁸. Ibiapina tinha sido eleito pelo voto indireto para o período de 1834–1837. Ele foi considerado um liberal moderado (situado entre dois extremos: o partido liberal e o conservador), talvez pelo silêncio que fazia, pronunciando-se somente quando era estritamente necessário; era silencioso, mas não omissivo. Sua opção pelos pobres já se fazia delinear nessa atuação política. Aqui destacamos dois momentos que demonstram claramente sua sensibilidade social: o primeiro se deu na defesa vigorosa da “Resolução sobre concessão de diárias de quinhentos réis às viúvas dos mortos e aos feridos, vitimados na sedição de 22 de março em Ouro Preto, Minas Gerais”⁹. O segundo quando Ibiapina, na condição de membro da Comissão de Justiça Criminal da Assembléia, apresentou, na data de 2 de junho de 1836, um “projeto de lei sobre o tráfico de africanos, visando a impedir desembarco de escravos no território nacional”¹⁰. Esse projeto previa a possibilidade de qualquer cidadão denunciar, deter e autuar os traficantes negreiros perante o Juiz de Direito.

4. Magistratura

Vimos que Ibiapina, ao desembarcar no Rio para assumir a legislatura, soube que tinha sido nomeado Juiz de Direito para Quixeramobim, Ceará, nomeação feita a 13 de dezembro de 1833. No final da sessão de 1834, ele tomou posse na dita Comarca. Sua função de magistrado só durou três meses, entre o final de 1834 e começo de 1835.

⁶ *PIPC*, p. 147.

⁷ *PIPC*, p. 148.

⁸ *PIPC*, p. 148.

⁹ *PIPC*, p. 163.

¹⁰ *PIPC*, p. 170.

Nestes três meses Ibiapina enfrentou o contexto de lutas e intrigas entre famílias importantes da região. Algo que não lhe era novo, pois já o havia experimentado na infância, quando seu pai era tabelião, este sofrera na pele as tentativas de manipulação, por parte das autoridades, nos assuntos da justiça.

As famílias que se digladiavam eram as de Maciel, Araújo e Mourão. Da primeira, fazia parte o futuro e famoso beato Antonio Conselheiro. Os crimes eram muitos e a impunidade corria solta. Ele fez tentativas de estabelecer a lei, o direito e a justiça; fez o que pôde, até mesmo algo que escapava à sua alçada, ou seja, reuniu famílias rivais, procurando incitar-lhes o valor do perdão e da reconciliação.

Ibiapina encontrou muitas dificuldades para desempenhar normalmente sua função, pois se deparou com um Brasil atrasado, onde o Poder público não funcionava, onde tudo era precário. Até mesmo na Fazenda Pública, um importante órgão de uma comarca, “não há coletor, o inspetor é omissor e nem selo existe para dar andamento aos processos”¹¹. Enfim, onde a sociedade não estava organizada, segundo os moldes da modernidade de então. Um outro exemplo, expresso em uma de suas Cartas-Ofício:

*“Não achei casa própria para nela trabalharem os jurados, e a Igreja (...) não serviu por mui pequena e maltratada (...) Uma terceira dificuldade me embaraçou bem: foi a falta de prisão qualquer. Remediamos com uma casa tomada a um particular”*¹².

Após concluir os processos pendentes, Ibiapina retornou ao Rio para continuar a legislatura. Durante aqueles três meses deixou um rastro de bom senso e firmeza: não se restringiu ao puro julgar, aos deveres de Juiz de Direito, mas incorporou “as funções voluntárias de defensor da cidadania, instrutor da constituição, orientador dos costumes públicos, educador do povo, civilizador dos sertões”¹³.

5. *Advocacia*

Encerrados os trabalhos legislativos da Assembléia de 1837, Ibiapina retornou a Recife, onde tinha intenção de instalar seu escritório de advocacia. Finalmente, agora podia exercê-la de maneira autônoma, pois não mais queria saber da vida política. Provavelmente havia se decepcionado com os homens públicos.

Não foi logo em Recife que se instalou como advogado - somente dois anos mais tarde é que veio a ter seu escritório na dita cidade. Antes,

¹¹ *PIPC*, p. 194.

¹² *PIPC*, pp. 198-199.

¹³ *PIPC*, p. 220.

porém, foi chamado a trabalhar na Vila Real do Brejo de Areia, onde ficou de 1838 a 1840. Aí Ibiapina se destacou como excelente advogado criminalista. A defesa mais famosa, que ficou conhecida por toda aquela região, foi a de um pobre agricultor que cometera um crime passionnal que abalara a opinião pública da região. O autor do crime foi indiciado pela promotoria à pena de morte. Tal sentença não foi aplicada devido à antológica defesa do Dr. Ibiapina. Impelido pelo espírito de compaixão cristã e de amor aos pobres, defendeu aquele pobre desgraçado não somente como advogado, mas como um pai ou um irmão, enfim um protetor, daquele que só tinha Deus e nada mais¹⁴. Ibiapina era consciente de que devia seguir a lei e o direto, mas também sabia que tais elementos tinham que estar subjugados a critérios da ética e moral, pois é desta maneira que se chega à verdadeira Justiça, e não àquela positivista, que privilegia a letra da lei e esquece o seu espírito.

6. Sacerdócio

Em 1850, aos 44 anos, Ibiapina resolveu abandonar a advocacia. Tendo feito algumas economias, comprou um terreno com uma casa nas redondezas de Recife. Aí chegou a residir uns três anos, como que retirado. Dedicou-se à meditação, oração, aos exercícios de piedade, às leituras¹⁵ e atividades manuais, como cuidar do pomar e do jardim. Neste tempo de deserto, pôde rever sua vida, fazer-lhe um balanço, rever suas ações como homem, como cristão etc. Tal parada e avaliação de vida lhe possibilitaram projetar luzes para o futuro, como, por exemplo, seguir ainda mais o chamado para a construção do Reino aqui na terra. E, de fato, após três anos decidiu abraçar o sacerdócio; vendeu os seus bens, no intuito de reunir patrimônio canônico - uma espécie de dote que tinha de dar para ingressar no clero¹⁶.

Ibiapina se decidiu pelo clero diocesano, pois via que não era apto para a vida comunitária. O Bispo D. João da Purificação o recebeu e seu processo de ordenação foi rápido: entre as primeiras ordens e a ordenação sacerdotal, transcorreu pouco mais de um mês - a tonsura se deu a 11 de junho de 1853 e a ordenação, a 3 de Julho do mesmo ano¹⁷. Seu caso foi especialíssimo, pois se viu com muita clareza sua vocação e qualidades humanas, e, por isso mesmo a não necessidade de passar por todas as exigências canônicas da época.

¹⁴ *PIPC*, pp. 227-241.

¹⁵ A “Bíblia, breviário, um manual de teologia, o *Flos Sanctorum* e a Imitação de Cristo” estavam entre as principais leituras do Pe. Ibiapina (*PIPC*, p. 260).

¹⁶ Na Igreja do Império, era esta a exigência para quem ia se ordenar: “o Direito Eclesiástico então vigente exigia um mínimo de quinhentos réis para o capital e vinte cinco mil réis de renda anual” (*PIPC*, p. 273).

¹⁷ Realizadas no Palácio da Soledade, atual Colégio Nóbrega, da Companhia de Jesus.

Em 14 de fevereiro de 1854, Pe. Ibiapina foi nomeado professor de Eloquência Sagrada no Seminário de Olinda. Ele só veio a assumir tal função no ano seguinte, quando da reabertura do seminário, a 5 de fevereiro de 1855. Por motivos de carência de professores, Ibiapina lecionou também História Sagrada e Eclesiástica.

Neste mesmo período, surgiu a notícia de uma epidemia do cólera-morbo que já havia atingido várias regiões, ameaçando Pernambuco. Pe. Ibiapina passou a sentir-se como que omisso frente a essa situação pela qual passava o povo. No dia de N. S. da Conceição daquele mesmo ano, consagrou-se inteiramente a Maria, e “toma a resoluta decisão de alterar o próprio nome, passando a assinar sem o sobrenome Pereira, substituindo-o pelo complemento de Maria, em homenagem à Mãe de Deus, sob cuja proteção deseja doravante exercer o sacerdócio pelo restante da vida”¹⁸. O fato do alastramento da epidemia, juntamente com a consagração mariana, foram dois fatores decisivos para a nova guinada na vida do futuro peregrino da caridade: desse momento em diante, Ibiapina iniciou a peregrinação pelo interior do Nordeste, levando a mensagem da caridade, centro do evangelho, ao povo que vivia no abandono e esquecimento.

7. *Peregrino da caridade* ¹⁹

Impelido pela situação de penúria do povo, especialmente atingido pela peste do cólera, e animado pelas palavras de Jesus: “Eu sou o caminho a verdade e a vida”(Jo 14,6), Ibiapina partiu pelo sertão nordestino, tornando-se “nômade peregrino do absoluto, pelas veredas da miséria humana, lá onde se encontra a misericórdia de Deus”²⁰.

Em Dezembro de 1855, Ibiapina partiu para Paraíba²¹, onde se deu o início e o fim de sua missão. Começou por visitar Pilar, Ingá, Campina Grande e Soledade, numa viagem de reconhecimento. Foi na Paraíba que Ibiapina fundou sua primeira e principal Casa de Caridade, a de Santa Fé (povoado situado no atual município de Arara), em 1866. Daí partia para suas incursões pelos sertões, visitando as demais casas, multiplicando-as (chegando a um número de 20) e pregando missões.

Além da Paraíba, Ibiapina missionou também em Pernambuco, no Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte. Em todos os lugares, respondia

¹⁸ *PIPC*, p. 290.

¹⁹ Este item será melhor desenvolvido nas duas partes seguintes, pois se trata da fase mais radical e fecunda da vida de Pe. Ibiapina.

²⁰ *PIPC*, p. 293.

²¹ A Paraíba tinha uma população de 300 mil habitantes e perdeu 30 mil com a peste (cf. *PIPC*, p. 451).

sempre aos mesmos desafios e levava a mesma mensagem: a caridade. Isso num vai e vem, numa espécie de zigue-zague peregrinante, de difícil precisão de ordem cronológica e geográfica²².

Em 1875, aos 70 anos, Ibiapina ficou paraplético, conseqüência de toda uma vida de andanças, pois desde menino já caminhava com seu pai nas mudanças e transferências de moradia. Mesmo assim viveu mais sete anos, comandando e orientando as Casas de Caridade, animando os seus a continuarem a obra já começada. Dedicava-se também “à recitação do breviário, a ler ou escrever correspondência, a preparar conferências e atender confissões e direção espiritual”²³. Ele não celebrou mais a eucaristia, porque, segundo as normas da época, esta não podia ser celebrada sentado, mesmo tendo pedido uma autorização à Santa Sé.

Seus últimos dois anos (1882-83), foram os mais martirizantes, tanto para ele como para os beatos e beatas que o cercavam. A partir de janeiro de 1883, começou a receber visitas de pessoas provenientes de várias partes. Na manhã do dia 19 de fevereiro de 1883, Ibiapina, já bastante debilitado, encheu-se de uma imensa alegria e, apontando com o seu indicador para o alto, disse à beata que estava ao seu lado: “Lá está Maria! Minha filha, olhe! E minha mãe procurava para ver e disse: ‘Não vejo meu pai’ e ele repetia: Lá está Maria!”²⁴. Horas mais tarde recebeu a unção dos enfermos, ministrada pelo Pe. Eufrosino. Pouco antes de sua morte “cantou baixinho o ‘*O Salutaris Hostia*’ e, estendendo os lábios, parecia receber a partícula, dada por invisíveis mãos”²⁵. Um pouco mais adiante, às três da tarde, faleceu sorrindo.

Seu corpo foi sepultado na pequena capela ao lado da Casa de Caridade de Santa Fé, onde ainda hoje se conserva. Sua vida, testemunho e memória conservada e resgatada por historiadores e pelo povo daquela região da Borborema fez desencadear o bonito processo da causa de sua canonização.

II. Ibiapina, o missionário

Pe. Ibiapina foi um missionário diferente, original. Seu ser missionário difere daqueles clássicos missionários, como os capuchinhos, que faziam as santas missões pelo Nordeste no século passado. Ele foi um missionário que fundou um povo, entrou na vida desse mesmo povo e passou a ser parte integrante dele.

²² PIPC, pp. 293-295.

²³ PIPC, p. 517.

²⁴ E. HOORNAERT, *Crônica das Casas de Caridade*, S. Paulo: Loyola, 1981, p. 116.

²⁵ PIPC, p. 555.

A missão empreendida por ele tinha por objetivos a reconciliação dos intrigados e a implantação de obras sociais (casas de caridade, hospitais, escolas etc.). Ele criou um povo através desses sinais sensíveis e gestos concretos. Os missionários capuchinhos, por exemplo, vinham de seus conventos e permaneciam sob a ótica de sua ordem; vinham para as missões a pregar, batizar, confessar, exortar o povo à conversão pessoal; levantavam a poeira e iam embora; não tinham preocupações sociais, não deixavam nada em concreto; com o tempo, a animação da fé suscitada durante os dias das missões logo arrefecia, voltando tudo a ser como era antes.

O espírito de Ibiapina era inflamado pela caridade, que o impelia à opção pelos pobres. E isto, desde a época de advogado, de magistrado e de político. Enquanto advogado, defendeu causas de pobres indefesos; quando juiz, tentou apaziguar rixas entre famílias; quando político, defendeu propostas que beneficiavam os pobres.

O que não estava presente na obra de Ibiapina, em relação à opção pelos pobres de Medellín e Puebla, é a dimensão política de detectar as raízes da pobreza, de questionar as estruturas que a geram e de conscientizar os pobres para lutar por sua dignidade. De fato, tais elementos faltaram a Ibiapina. Algo bastante compreensível, pois o missionário não contava, naquela época, com os instrumentos necessários para se fazer uma análise científica da realidade como nós contamos hoje ²⁶.

1. Pregação

A pregação do missionário da caridade continha uma mensagem de caráter bastante prático: um chamado à conversão, para além das palavras e do condicionamento psicológico; um chamado a romper o isolamento individualista, no qual se encontrava o povo, através do testemunho de sua ação social. Nisto residia a diferença entre o Pe. Ibiapina e os missionários tradicionais.

Em termos teóricos, Ibiapina não trouxe nada de novo: seu pensamento e o conteúdo de suas prédicas não se diferenciavam quase em nada da literatura espiritual e pastoral da época. A diferença estava na recepção da mensagem de suas missões, pois “Ibiapina sabia combinar harmoniosamente o material e o espiritual (...) Sabia que sem obras a fé é morta

²⁶ Sobre esse ponto, comenta D. José Maria Pires, atualmente Arcebispo emérito de João Pessoa: “Ibiapina e Mons. José Coutinho, nossos precursores e nossos mestres em matéria de opção pelos pobres, se teriam tornado não só o pai dos pobres que foram, mas os próceres de uma profunda transformação social se tivessem contado, como nós contamos, com os recursos de uma análise científica da realidade e com a assessoria qualificada que nos permitem identificar no sistema econômico a origem dos males sociais que combatiam e o obstáculo maior à superação do subdesenvolvimento”, J. M. PIRES, “Ibiapina fala à Igreja de hoje”, in CEHILA, *Padre Ibiapina e a Igreja dos pobres*, S.Paulo: Paulinas, 1984, p. 19.

em si mesma, como atesta na Bíblia o apóstolo Tiago²⁷. Sua pregação era traduzida na vida do povo, de maneira concreta, eis seu mérito.

Mesmo que o conteúdo de suas práticas não constituísse uma inovação para a época, vale salientar que,

“... o ponto alto das missões era sua pregação. Dotado de palavra fácil, dominando perfeitamente as regras da oratória, embevecia os ouvintes com os apelos à conversão e, principalmente, com o ensino de que são capazes de assumir os próprios problemas”²⁸.

Os temas centrais de sua pregação eram a reconciliação entre os inimigos baseada no amor ao próximo (a caridade era o pano de fundo de seus sermões) e a condenação da mancebia, do roubo, da soberba, da avareza (mais por parte dos ricos) e da preguiça. Sobre o tema da reconciliação, as Crônicas das Casas de Caridade nos trazem alguns trechos de discursos do então missionário. Citamos um exemplo, narrado pelo irmão Inácio: “Tendo falado sobre o amor do próximo, propôs as reconciliações nessa noite, dizendo ‘ficarei muito mal servido, se souber amanhã que alguém deixou de reconciliar-se essa noite. Espero não passar por esse dissabor’²⁹. O mesmo se deu em vários outros lugares por onde Ibiapina passava.

2. Elementos de inculturação nas missões do P. Ibiapina

2.1. Inserção entre os pobres

É admirável o testemunho do Pe. Ibiapina em termos de desprendimento de privilégios: do mundo organizado, definido, urbano, integrado à modernidade, embrenhar-se completamente no mundo não-organizado, pré-moderno, não-estável e indefinido do mundo dos pobres³⁰. Ele poderia ter continuado como advogado, juiz ou mesmo como um eminente político. No entanto, Ibiapina realizou o ideal de pobreza evangélica referido posteriormente por Puebla (cf. DP 1148 – 1152), que reconhece a vivência de tal virtude por parte de pessoas oriundas de uma classe mais abastada. Mesmo como padre, Ibiapina poderia ter permanecido na comodidade do Seminário de Olinda, desfrutando daquela paradisíaca vista do mar e da orla daquela cidade. Porém, resolveu partir para o sertão, sensibilizado como estava pela calamidade pública causada pela epidemia do cólera-morbo. Chegando no sertão, foi percebendo, com incrível perspicácia evangé-

²⁷ PIPC, p. 356.

²⁸ PIPC, p. 356.

²⁹ Crônica das Casas de Caridade (CCC), p. 50, apud PIPC, p. 385. CCC é, aqui, citada a partir do livro de F.S. de ARAÚJO, que fez a transliteração do texto original para a ortografia atual.

³⁰ J. COMBLIN, “Ibiapina, o missionário”, in CEHILA, *Op. cit.*, p. 119.

lica, as necessidades mais prementes do povo sertanejo e, a partir disto, buscou alternativas para a situação.

Pe. Ibiapina começou visitando o interior da Paraíba, para conhecer a realidade, e em seguida passou a realizar as missões. Essas incorporavam as dimensões religiosa e social. Era um momento muito rico para uma comunidade receber as missões de Ibiapina, que duravam em média uma semana ou mais. Cito como exemplo a missão no interior do Ceará, onde aparecem vários elementos de riqueza dessas missões:

“No dia 29 de Julho de 1868, partiu o revmo. Missionário da cidade do Crato e, chegando na vila de Barbalha, deu princípio à missão no mesmo dia, à noite.

“A Barbalha (...) não estava em paz. Os Homens estavam em dois campos opostos e todas as questões se tratavam conforme o gosto da política mesquinha e egoísta. (...) Alguns senhores acharam mais conveniente cuidar da safra do seu engenho, do que vir assistir à missão. (...) O revmo. Missionário fulminou do púlpito aqueles que, por motivo de avareza, deixaram de comparecer à missão, mandando calar todos os engenhos (...)

“Dez a doze mil almas ouviram a palavra e se empregaram no serviço. Duas obras começaram no mesmo tempo: a da matriz e a do cemitério dos coléricos. A primeira feita de tijolo e cal, de que se tinha prevenido o revmo. Vigário pelos mestres. E a segunda, de pedra e barro, feita pelos moços principais da terra, com algum oficial. A pedra sobrou, no cemitério, e o tijolo parecia que tinha pé, tanto era a presteza com que se apresentava ao pé da obra. (...)”.

“A missão de Barbalha, começada sob tão bons auspícios, não podia deixar de produzir belos resultados. (...) Eram provas materiais: Cacimba do povo, acabada e conservada para uso de todos; a capela do SS. Sacramento e a das almas, criadas e bem freqüentadas; a freqüência diária do terço e missão, a concorrência do tribunal da penitência; abnegação completa de tantas mulheres e, o que é mais admirável, de tantos homens que, tendo desprezado a si, desprezaram o mundo e só vivem para o bem da humanidade”³¹.

A inculturação praticada pelo Pe. Ibiapina reside principalmente no fato de olhar o povo a partir do povo, sabendo trabalhar os elementos culturais mais caros ao povo: a Igreja, os cemitérios, os mutirões etc. Trabalho que antecipa aquilo que os bispos afirmaram em Puebla (DP 440–407), especialmente onde se diz que a Igreja assume “os valores especificamente cristãos que encontra nos povos já evangelizados e que são vividos por estes, segundo sua própria modalidade cultural”(DP 402). Ibiapina soube trabalhar os valores naturais do povo. Um exemplo notório disso pode ser encontrado com relação à prática

³¹ CCC, p. 52, apud PIPC, pp. 389-391.

da solidariedade: esta, em sua pura forma natural, carece de alguém que a estruture e a oriente para um fim determinado. Foi o que fez Ibiapina: ele criou união onde havia dispersão, criou confiança, enfim soube oferecer símbolos de vida comunitária³². Com tal testemunho de vida e compromisso com o Reino, Pe. Ibiapina pode ser uma fonte de inspiração para os padres diocesanos que lutam pela libertação dos pobres.

2.2. Uma Igreja dos pobres

A prática de inculturação de Ibiapina foi mais além, chegando a fecundar a experiência de uma Igreja dos Pobres, especialmente na figura de seus beatos e beatas.

2.2.1. Os beatos

Os beatos de Ibiapina eram homens convertidos e consagrados ao serviço da caridade. A eles correspondiam os serviços mais rudes e grosseiros nas Casas de Caridade, como os de cuidar do patrimônio da casa, ajudar no sustento deles mesmos e das beatas, trabalhar na agricultura e na pecuária³³. O mais famoso dentre eles foi o Irmão Inácio, que, tocado pelo testemunho de Pe. Ibiapina, em Açu (RN) no ano de 1862, passou a seguir aquele missionário. Eis a sua descrição:

*“O Irmão Inácio era o beato que entregava a alma a Ibiapina, fanatizado pela pessoa e pela obra de caridade do padre-mestre (...) seguiu a Ibiapina, acompanhando-o através das viagens e missões, cumprindo-lhe os mandados como um servo (...) Inácio usava um camisão azul desabotoado no pescoço e andava descalço, sem chapéu, com uma cruz e os bentos pendurados. Sujo, o andar mole e compassado (...) andava pelas vilas e cidades (...) Assim suado, andrajoso, encovado, poeirento, Inácio foi o ideal para representar a seca no Rio de Janeiro (...)”*³⁴

Ele havia ido ao Rio, no intuito de angariar fundos para as Casas de Caridade - como parte de seu ofício de prover aquelas obras, durante a terrível seca de 1877-79.

2.2.2. As beatas

As beatas, assim como os beatos, nasceram da necessidade que o Pe. Ibiapina encontrou de pessoas que pudessem continuar a obra começada. Ibiapina era como um trator que abria estradas, e as beatas, as que as mantinham abertas e sem mato. A elas correspondia o cuidado das órfãs e dos enfermos.

³² J. COMBLIN, *Op. cit.*, p. 124.

³³ L.O.C. BARROS, “A ação modernizadora de Pe. Ibiapina”, in: CEHILA, *Op. cit.*, p. 114.

³⁴ C. MARIZ, *Ibiapina, um apóstolo do Nordeste*, Paraíba: União, 1942, pp. 169-170, *apud PIPC*, p. 338.

Frei Hugo Fragoso viu nessa experiência começada por Ibiapina uma forma de vida religiosa para o sertão³⁵. Isso no sentido de que, em sua essência, elas eram verdadeiramente consagradas ao serviço do próximo³⁶.

A principal diferença entre as beatas e as freiras oficiais estava no fato de que as primeiras não tinham um estatuto canônico reconhecido pela Igreja oficial³⁷. Como Ibiapina era versado em leis, sabia bem que não era possível, na conjuntura de uma Igreja em que os bispos não aceitavam a vida religiosa nacional³⁸, constituir uma congregação religiosa segundo os moldes oficiais. Nem mesmo era possível urgir a ereção de um noviciado. Além do mais, através desta maneira mais informal, o instituto das beatas corresponderia melhor aos apelos apresentados pela situação concreta do interior do Nordeste.

Em vida, Pe. Ibiapina, com sua forte personalidade, conseguiu proteger suas filhas espirituais das eventuais investidas de um ou de outro representante da hierarquia eclesiástica tencionado a se meter na dinâmica interna daquele fecundo grupo de beatas. O mesmo não se deu após a morte do fundador: morto Ibiapina, as beatas ficaram aos cuidados dos vigários de cada paróquia na qual se encontravam as Casas de Caridade. Na maioria dos casos, os vigários não se preocuparam muito com o acompanhamento das beatas, tendo como consequência o desaparecimento dessa linda experiência de vida consagrada autóctone e inserida³⁹.

3. *Escritos de Pe. Ibiapina*

Embora Ibiapina não tenha elaborado uma teoria de sua prática⁴⁰, deixou escritos como: cartas, orientações para as beatas e reflexões espirituais. Aqui são relatados especialmente os que foram encontrados nos arquivos da Casa de Caridade de Campina Grande⁴¹ e uma

³⁵ H. FRAGOSO, “As beatas do Padre Ibiapina: Uma forma de vida religiosa para os sertões do Nordeste”, in CEHILA, *Op. cit.*, pp. 85-106.

³⁶ Tal como as freiras canônicas, a vida delas se alternava entre oração e trabalho. Este último era muito valorizado pelo fundador, pois o considerava como uma forma de oração (Cf. H. FRAGOSO, *Op. cit.*, p. 91).

³⁷ *PIPC*, p. 94.

³⁸ Trata-se aqui, segundo Riolando Azzi, do período de uma reforma encabeçada pelos bispos brasileiros, em que um dos pontos principais consistia “no controle hierárquico sobre toda a vida religiosa dos fiéis”. Ao encontrarem dificuldades em seu intento de controle das congregações religiosas, “decidiram que a melhor solução era trazer da Europa novos institutos que progressivamente assumissem as tarefas missionárias e catequéticas (...)”, R. AZZI, *O episcopado brasileiro frente ao catolicismo popular*. Petrópolis:Vozes, 1977, p. 112, *apud* H. FRAGOSO, *Op. cit.*, p. 104.

³⁹ H. FRAGOSO, pp. 102-105.

⁴⁰ Não seria essa, provavelmente, sua principal preocupação.

⁴¹ Achados e organizados por E. HOONAERT, in CEHILA, *Padre Ibiapina*, 1984, pp. 129-130.139-182.

reflexão sobre a grande seca de finais do século passado. Em seu conjunto, esses escritos podem ser divididos em três tipos:

a. Orientações para as irmãs da caridade (beatas) e para as órfãs

As Máximas espirituais e Cristo perante o século: o primeiro é o documento mais longo, dividido em 3 capítulos. Nele estão contidos os mesmos elementos do segundo escrito: instruções (sobre como se confessar, como agir diante do confessor e regras da vida espiritual) e doutrinas no intuito de iluminar a vida religiosa das beatas e servir de edificação e formação para as órfãs que viviam na Casa de Caridade.

Uma visão intelectual e Despedida do Padre: os dois constituem um tipo de carta de exortação à firmeza e à perseverança na fé e na caridade, fazendo ver àquelas mulheres consagradas o valor que tem o estado de vida no qual estão vivendo. O estilo se parece ao das cartas paulinas, nas quais o apóstolo admoestava as comunidades cristãs fundadas por ele.

b. Experiências espirituais

Jerusalém, Jerusalém, convertere ad Dominum Deum Tuum e Discurso: trata-se de reflexões espirituais baseadas em profundas experiências místicas vividas pelo autor.

c. Recurso pastoral

Quatro representações teatrais: pequenas peças de teatro, usadas por Ibiapina, ao mesmo tempo, para distração e formação de suas filhas espirituais.

d. Reflexões

Reflexões sobre a seca de 1877-79: trata-se de manuscritos deixados por Ibiapina (contidos no Livro de Registros da Casa de Caridade de Santa Fé — PB, fl 10, 18 – 20), contendo relatos da última grande e terrível seca do século passado. Aqui ele relata a situação de penúria do povo e como as Casas de Caridade atuaram na amenização do flagelo da seca⁴².

III. Ibiapina, o apóstolo social

Separar o Ibiapina missionário do apóstolo social é uma tarefa difícil, pois essas duas dimensões se faziam presentes na sua vida, formando uma só unidade. A separação feita aqui é simplesmente de caráter

⁴² PIPC, pp. 521-531.

metodológico, visando a mostrar o específico de sua ação missionária, voltada para o social.

Com o objetivo de fazer uma análise mais estrita do apostolado social de Pe. Ibiapina, faz-se necessária uma leitura teológica de cada uma de suas obras sociais.

1. Leitura teológica das suas obras sociais

Para se fazer uma leitura teológica, será necessário separar por blocos cada tipo de obra social de Ibiapina. Tarefa também um tanto difícil, pois tais obras mudavam de configuração conforme o tempo e lugar⁴³. Contudo, essa leitura será feita destacando-se, primeiramente, a importância sociocultural de cada uma dessas obras, e, em segundo lugar, sua importância evangélica e teológica.

a. Cemitérios

Os cemitérios foram as primeiras obras na missão de Ibiapina, cuja peregrinação iniciara-se pelo interior da Paraíba. Foi na atual cidade de Soledade que Ibiapina se deparou com cadáveres das vítimas da epidemia do cólera espalhados pelo chão; então, tomou a iniciativa de construir cemitérios. Essa foi a solução mais imediata e que estava mais ao seu alcance naquele momento. Ali aconteceu o primeiro mutirão, embora o povo se encontrasse fraco para desempenhar tal tarefa. Ao final, todos os corpos foram enterrados dignamente⁴⁴.

Os cemitérios têm grande significado em todas as culturas. E no sertão nordestino, sua existência é de fundamental importância.⁴⁵ Numa região marcada por séculos de opressão e injustiça, além dos agravantes climáticos das secas, a dignidade humana é rebaixada além do nível aceitável. Assim sendo, o povo, acostumado a ver sua dignidade violada em vida, luta pelo menos por tê-la reconhecida quando morre⁴⁶.

⁴³ Por exemplo: os hospitais nasceram da urgência em atender as vítimas do cólera; passada a epidemia, tais hospitais evoluíram para as famosas Casas de Caridade.

⁴⁴ *PIPC*, p. 452.

⁴⁵ Mesmo nos lugares onde não há cemitérios construídos oficialmente, o povo faz o seu próprio, nem que seja nos fundos de sua própria casa, de maneira bem rústica.

⁴⁶ Esse tema é abordado na canção “Funeral do Lavrador”, que foi tirada da obra *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. Foi por esta dignidade na morte que surgiram as famosas Ligas Camponesas, que lutavam por reforma agrária, inflamando os interiores do Nordeste, nos anos 50 e 60, e sendo sufocada pela ditadura militar. Eles começaram com uma pequena organização beneficente, visando a comprar caixões de defunto mais dignos para os lavradores associados. Os caixões existentes eram da prefeitura, e serviam para todos os defuntos; tinham uma abertura no fundo, pela qual o cadáver era jogado na cova, e retornavam à funerária à espera do próximo cliente. Esse acontecimento foi retratado no filme: “*Cabra marcado para morrer*” (1964), de Eduardo Coutinho.

A motivação maior de Ibiapina foi a de sepultar com dignidade humana aqueles corpos, e ciente da importância que tinham os cemitérios na cultura nordestina, passou a construí-los pelos lugares por onde passava, mesmo que não fosse em caráter de urgência. Esta ação se encontra na linha da promoção humana, de promover a vida, e vida em abundância, conforme Jesus fala no evangelho (Jo 10,10).

b. Hospitais

A construção de hospitais constitui um segundo passo na evolução das obras de Ibiapina. Assim como foi urgente a construção de cemitérios para os que sucumbiam ao cólera, também o foi a construção de hospitais para as vítimas dessa epidemia. O apóstolo social viu a urgência de conseguir um lugar onde pudessem ser acolhidos e tratados os sobreviventes daquela enfermidade. Ibiapina demorou-se um tempo no Brejo em Curimataú paraibano, fazendo pregações, tentando sensibilizar as pessoas em relação àquela triste situação. Com seu poder de persuasão, conseguiu sensibilizar alguns fazendeiros, que doaram um terreno para o Hospital de Caridade no povoado de Santa Fé. Tal experiência se multiplicou por mais algumas localidades da região.

Numa região em que os serviços públicos eram quase inexistentes, Ibiapina, respondeu ao apelo de Jesus, quando este enviou seus apóstolos a pregar o Reino e a curar todo tipo de doenças e enfermidades (Mt 10,1).

c. Igrejas

Após ter passado uns quatro anos lutando para responder aos desafios impostos pela epidemia do cólera, Ibiapina seguiu pelo interior paraibano em missões, em 1860. Em Pilões:

*“Conclui a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, que encontrou alicerces. Em novembro chega em Arara, onde continua o trabalho da Igreja de Nossa Senhora da Piedade até dezembro (...). Há notícias de que nesse mesmo ano pregou (...) em Taperoá, ex-Batalhão, onde constrói cemitério com uma Capela no centro”*⁴⁷.

Na cidade de Bananeiras (PB), em 1863, o apóstolo da caridade “começou a construção da nova matriz, então a maior de toda a província, sobre os escombros da igreja anterior que desmoronava”⁴⁸.

Assim como os cemitérios deram origem a povoados que evoluíram, posteriormente, em cidades (Soledade – PB, por exemplo), do mesmo modo a obra de edificações de igrejas empreendida pelo Pe. Ibiapina deu início a cidades como Pio IX⁴⁹, no Piauí.

⁴⁷ F. SEVERIANO, “A Diocese da Paraíba”, João Pessoa: Tip. A Imprensa, 1905, p. 48, *apud PIPC*, p. 456.

⁴⁸ *PIPC*, p. 460.

⁴⁹ Cidade fundada em 1871, por ocasião de uma das missões de Ibiapina, cf. *PIPC*, pp. 435-441.

Nos vários textos, como os acima citados, não transparecem os motivos exatos pelos quais o missionário reformava e construía capelas e igrejas; simplesmente relatam os fatos. Porém, vemos que isso não constitui uma dificuldade, pois, se olharmos para o conjunto de toda a missão de Ibiapina, é fácil perceber que, tendo ele pregado a importância da caridade, o amor ao próximo, a conversão de vida - e isso tudo ligado a ações concretas, como mutirões para construir obras de benefício à comunidade - não seria possível deixar justamente de fora os templos, pois eram os lugares de culto, onde convocava as pessoas para ouvir suas pregações. Não podia fazê-lo em igrejas caindo aos pedaços. A ação do Pe. Ibiapina de reformar e construir igrejas se insere no universo de seu apostolado, no qual não havia separação entre o social e o religioso.

d. Escolas

Desde cedo Ibiapina se deparou com o estigma do analfabetismo, e mais fortemente quando era Juiz de Direito no interior do Ceará. Naquela ocasião, ele ficou desesperado ante o quadro de ignorância e despreparo do povo: viu-se impossibilitado de formar um corpo de jurados devido à falta de leitura; os funcionários públicos eram semi-analfabetos, totalmente despreparados para assumir seus cargos; tal situação fez com que ele apelasse para as autoridades, urgindo escolas para aquela gente. Depois, na condição de missionário, resolveu combater esse mal promovendo escolas; estas geralmente eram integradas no conjunto das casas de caridade. Ali:

“Não se ensinava somente a ler, escrever, fazer contas, ensinavam também a cultivar a terra, a costurar cozinhar, bordar e pintar. (...) Para Ibiapina, o trabalho entrava como fonte de sustentação da casa, plantava-se o que se consumia, do feijão ao algodão. Vendia-se o excedente para adquirir o que não se produzia”⁵⁰.

Havia, portanto, um equilíbrio entre trabalho e estudo.

Numa região em que não havia serviços de saúde, nem de educação, Ibiapina realizou o exemplo dado por Jesus nas curas dos cegos e mudos (Mt 9,27-34), onde as pessoas que padeciam desses males saíam vendo e falando. Estes dois elementos são importantes na construção da dignidade da pessoa humana.

e. Açudes

A construção de açudes constituiu uma das grandes originalidades de Ibiapina. Na época, ninguém da hierarquia eclesiástica foi capaz desta iniciativa. Ibiapina teve o mérito de perceber a necessidade básica para a vida: a água. E a partir disso moveu ações para sua obtenção.

⁵⁰ J.M. PIRES, *Op. cit.*, pp. 20-21.

Muitos viam a necessidade, mas poucos tiveram a mesma iniciativa. Os poderes públicos sempre se mostraram ineptos nessa causa secular do combate à seca. O próprio D. Pedro II prometeu que empenharia até a última pedra de sua coroa para remediar os efeitos da seca, coisa que nunca cumpriu. Ibiapina, que tinha feito a experiência de participar das altas esferas do poder, sabia bem que de lá nada se podia esperar: a solução tinha que ser local. Mais uma vez o que lhe restava era usar o poder de sua palavra, inspirada pelo Evangelho, e mobilizar as pessoas para os mutirões de construção de açudes. Alguns deles eram pequenos, outros grandes: “(...) dizem os naturais será o maior (açude) da comarca de Souza e que deve dar àquela povoação muita vida e um futuro brilhante”⁵¹.

Com sua preocupação em buscar alternativas para o combate à seca, Ibiapina se converteu em um Moisés do sertão. Moisés, no AT, vendo que o povo estava aflito sem ter o que beber, clama a Deus e este o ordena que toque o rochedo com sua vara; a água brotou dali, matando a sede do povo, sustentando-o em sua caminhada pelo deserto em busca da terra prometida (Ex 17, 5–7). Esse milagre da Bíblia, Ibiapina o atualizou em sua ação civilizadora pelos nossos desertos, os sertões semi-áridos do Nordeste.

f. Casas de Caridade:

As Casas de Caridade sintetizam todas as demais obras. Todas as obras citadas anteriormente se juntaram ao conjunto das Casas de Caridade.

Passada a epidemia do cólera, em 1866, Ibiapina começou um trabalho de transformação dos hospitais em Casa de Caridade⁵². Começou por Alagoa Nova, Areia, onde também pediu ajuda a uma de suas beneméritas para transformar o hospital de Santa Fé, o primeiro de todos, em uma Casa de Caridade. Ali, Ibiapina:

“escolheu três moças, que formara, para acompanhar a matrona e ajudá-la na organização da nova instituição. Dona Cândida assumiu a direção e recebeu o auxílio das três primeiras irmãs da comunidade, que a acompanharam”.

Mais tarde, por ocasião da inauguração daquela Casa:

“No dia primeiro de maio, estava tudo reparado e boa ordem e nosso Santo apóstolo (...) orou com os impulsos do amor de Deus (...) houve

⁵¹ *Enciclopédia dos municípios da Paraíba*, João Pessoa: Unigraf, p. 177, apud *PIPC*, p. 473.

⁵² Tal decisão foi especialmente fruto de um ano de reflexões e oração, pois, em 1865, quando cumpriu dez anos de missão, resolveu dar uma pausa para fazer um balanço de seu trabalho. Daí decidiu espalhar as CCC, o máximo que pudesse, por todo o Nordeste, *PIPC*, p. 464.

um banquete para as órfãs, a que ele serviu, mais três padres que assistiram à festa”⁵³.

As casas de caridade eram uma unidade social composta de uma variedade de trabalhos e atividades⁵⁴ que, para aquela época e lugar, significaram uma revolução civilizatória em termos de promoção humana nas áreas de saúde, educação e assistência social. Estas casas representaram um oásis no meio do deserto da seca e da fome, especialmente por ocasião de uma das mais cruéis secas, a de 1877-79⁵⁵.

A preocupação especial de Ibiapina para com as órfãs pode ter iniciado, desde o falecimento de seu pai, quando teve que assumir o sustento dos irmãos mais novos.

A defesa dos órfãos é um dos mais importantes preceitos bíblicos (Ex 22,21). Tal preceito foi arduamente defendido pelos profetas do AT, como Isaías, que afirma que o verdadeiro culto consiste em fazer justiça ao órfão e defender a viúva (Is 1,17b). Além disso, Ibiapina se aproxima da opção pela mulher, feita em Puebla (DP 834-849), especialmente quando afirma:

“A Igreja é chamada a contribuir para a promoção humana e cristã da mulher ajudando-a assim a sair de sua situação em que se possa encontrar e capacitando-a para sua missão na comunidade eclesial no mundo”⁵⁶.

O filão teológico que perpassa as obras de Ibiapina é de fato o da opção pelos pobres, e esta se expressa na ação civilizatória de promoção humana motivada pela caridade evangélica. Ibiapina dava muita ênfase ao amor expresso em obras, uma constante em seus escritos:

“Os que olhão com indiferença para os seus males, e do próximo sem tomar interesse para remedialos, he ente inútil, criminozo (...) Hum dos grandes peccados contra a caridade he, o egoísmo, que vem a ser

⁵³ CCC, p. 48, *apud* PIPC, pp. 466-467.

⁵⁴ Numa das instalações de suas Casas, Ibiapina nos fala, em carta enviada a um jornal, quando começou a implementar novas atividades nessas unidades: “Comecei nas Casas do Cariri um sistema de trabalho. Aqui será aperfeiçoado. Teares, engenhos de fiar, sapataria, chapéus de palha, tudo servirá para habilitar as órfãs a ter ofício e, casando-se, elas podem sustentar os próprios brios e a sua família. Admito a companhia do trabalho para muitas mulheres solteiras, honestas e mesmo as convertidas, para aprenderem aqueles ofícios e, depois de cinco anos de trabalho, podem casar já sabendo os ofícios e sendo humildes e doutrinadas”, *Jornal “A voz da religião no Cariri”*, Crato, ed. de 13.02. 1870, *apud*, PIPC, p. 482.

⁵⁵ PIPC, pp. 521-525.

⁵⁶ DP 849. É bom ressaltar o que, nesse ponto, faltou a Ibiapina em relação a Puebla, o mesmo que se passou com a opção pelos pobres: a luta política em termos de conscientização sobre os direitos da mulher etc. Algo ainda impossível naquela época. Mas, o mais importante é a essência de sua prática, a promoção da mulher, mesmo daquela maneira, pois para a época já representava um avanço.

*cuidar só de si (...) Amar a Deos he servilo: Sem esta prova do serviço, he mentira dizer que se ama a Deos”*⁵⁷.

Pode-se dizer que a espiritualidade de Ibiapina é a espiritualidade do serviço. Esta foi a força propulsora de toda sua obra. Para ele, a oração deve ser traduzida em ações concretas na vida⁵⁸. O amor concretizado em obras é a teologia e espiritualidade do apóstolo social.

IV. Pe. Ibiapina, Antônio Conselheiro e Pe. Cícero: Três respostas a um mesmo problema.

A figura de Ibiapina encontra um correlato em outros dois fenômenos do Nordeste: Antônio Conselheiro e Pe. Cícero. É importante ver em que a experiência de Ibiapina coincide ou não com a desses seus contemporâneos.

1. Semelhanças e dissemelhanças

Ibiapina (1806), Antônio Conselheiro (1830) e Pe. Cícero (1844) formam um trio antológico no cenário do Nordeste do século passado. Embora nascidos em anos mais ou menos distantes, foram contemporâneos. Inclusive chegaram a se cruzar pelos caminhos de suas vidas e missões. Houve momentos em que ocorreram encontros de Ibiapina com Conselheiro e com o Pe. Cícero.

Com Antônio Conselheiro, certamente, ocorreu um primeiro encontro quando o apóstolo da caridade fora juiz em Quixeramobim. Ali o menino Antonio V. Mendes Maciel deve ter visto várias vezes aquele famoso magistrado que tentou muitas vezes pacificar a contenda entre os Maciéis e os Araújo, tendo ele ficado do lado dos primeiros. Alexandre Otten acredita que houve um tempo em que o Conselheiro chegou a acompanhar Ibiapina em suas missões⁵⁹.

Nas vezes em que se encontraram, certamente o futuro Conselheiro se impressionou com o exemplo de Ibiapina, procurando imitá-lo em alguns pontos⁶⁰.

⁵⁷ *Máximas espirituais*, cap 3º, *apud* CEHILA, *Op. cit.*, p. 140. A transcrição é conservada em sua ortografia original.

⁵⁸ “A devoção, e oração por mais constante que seja senão reforma os costumes fazendo humilde ao soberbo, trabalhador ao preguiçozo, fiel ao mentirozo, he falsa e não produz frutos reaes (...)”, *Ibidem*, p. 142.

⁵⁹ A. OTTEN. “*Só Deus é grande*”: A mensagem religiosa de Antônio Conselheiro, S.Paulo: Loyola, 1992, p. 272.

⁶⁰ Por exemplo: imitá-lo na humildade, no combate ao luxo, na preocupação incessante com as obras, cf. A. OTTEN, *Op. cit.*, p. 273; frase como “Só Deus é grande”, a saudação “louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”; as orientações sobre a reza

O encontro de Ibiapina com o Pe. Cícero se deu em 1865, na missão do Cariri. O jovem Cícero Romão Batista se fez presente na inauguração da primeira Casa de Caridade da região. Naquele mesmo ano, aquele jovem ingressou no Seminário de Fortaleza, aos 21 anos de idade⁶¹. Provavelmente as pregações e o exemplo de Ibiapina também tenham influenciado na vocação do futuro Pe. Cícero.

Há muitas coisas em comum entre as experiências de Ibiapina, Conselheiro e Pe. Cícero. Especialmente entre os dois primeiros. O último já se constitui uma figura bastante controversa, mas que não deixou e não deixa de ser ainda um símbolo para o povo nordestino.

Para analisar as semelhanças e dissimelhanças, vamos nos deter em dois pontos desse trio: a fé (mensagem religiosa e missão) e ação social.

a. Fé, mensagem e missão.

Antônio Conselheiro: Antônio V. Mendes Maciel era originário de uma família que se digladiava com a dos Araújo e, por isso mesmo, desde cedo sua vida foi bastante conturbada. Aos 25 anos perdeu o pai, assumiu seu comércio, o qual, posteriormente, foi à falência. Sua mulher fugiu com um outro. Sua vida se tornou uma tormenta, mudou-se de lugar e de trabalhos de maneira freqüente, até que se decidiu sair pelo mundo afora como peregrino penitente.

As características da fé e mensagem do Conselheiro são bastante complexas, contendo diferentes elementos: apocalíptica popular, messianismo e doses de fanatismo. Contudo, há outros elementos dentro dessa mensagem que atenuam o caráter puramente messiânico ou fanático⁶²: Conselheiro pregava o seguimento à 'religião do bom Jesus', à 'Lei de Deus'⁶³, a lei do Deus que salva a todos que se convertem⁶⁴. Essa lei seria instaurada definitivamente com a Parusia do Senhor, que já se faz presente, mas a 'glória do Senhor' será plena com a vinda do Reino de Deus definitivo⁶⁵. Para se salvar, as pessoas devem seguir a religião do 'bom Jesus'⁶⁶ e ir contra a 'Lei do Cão'⁶⁷ (maçonaria, República, luxo, 'falsos padres', etc..).

do terço à boca da noite e a salve-rainha ao meio dia, algo levado à prática, em Belo Monte; e a devoção ao bom Jesus. Cf. J. ARAS, *Sangue de irmãos*: Canudos por dentro, s.l., s.d., p. 4, *apud* A. OTTEN, *Op. cit.*, p. 273.

⁶¹ *PIPC*, pp. 380-381.

⁶² A. OTTEN, *Op. cit.*, p. 374.

⁶³ *PIPC*, p. 361.

⁶⁴ *PIPC*, p. 368.

⁶⁵ *PIPC*, pp. 369-370.

⁶⁶ Conselheiro resgata "a tradição do Bom Jesus, que é um Cristo próximo ao povo pobre e sofredor. Não é ainda o Jesus histórico resgatado pela pesquisa exegética. Sobressaem a vida de Jesus na pobreza, sua humildade, sua defesa dos pobres e aflitos, sua obediência à vontade amorosa do Pai, seu sofrimento e sua morte e, com destaque, sua volta vitoriosa como juiz e justiceiro". A. OTTEN, *Op. cit.*, p. 370-371.

⁶⁷ *PIPC*, p. 361.

Foi o Bom Jesus que fez Conselheiro abrir os olhos aos pobres e sofredores⁶⁸. Realizou sua obra na condição de Servo do Bom Jesus, Profeta do Altíssimo e Peregrino da Pátria Celeste, questionando a sociedade e a Igreja. Ele não pertenceu à hierarquia, como os padres Ibiapina e Cícero, mas tampouco rompeu com ela, e nem mesmo foi excomungado (havia padres a seu favor). Sua intenção principal era a de levar a Lei de Deus aos homens, e o fez fora do âmbito da Igreja oficial.

Pe. Cícero: A controvertida figura do Pe. Cícero Romão Batista, considerado desde uma das pessoas da Santíssima Trindade até um “grande farsante”, foi uma figura de importância no cenário sócioeclesial do Nordeste. Ele não foi um peregrino, como Pe. Ibiapina, pois nunca pôs os pés fora de Juazeiro, a não ser para ir a Roma retratar-se de seus supostos milagres. Sua missão consistiu em dar conselhos ao povo que batia à sua porta. Ele o abençoava, dava conselhos médicos (remédios caseiros, ensinamentos de curas) e higiênicos⁶⁹; coisas simples, porém, muito importantes para um povo mergulhado na mais crassa ignorância e atraso.

Pe. Cícero não era propriamente um sacerdote devotado ao fanatismo, mas, por sua postura silenciosa ante os fatos milagreiros⁷⁰, demonstrou-se um promotor deste fenômeno. Com isso sua fama se espalhou e se avolumou, chegando a ser punido por Roma, morrendo sem poder mais exercer o ministério sacerdotal. No entanto, acabou sendo venerado como um santo pelo povo.

Pe. Ibiapina: Ibiapina bebeu das fontes da modernidade, tendo estudado direito e passado pela magistratura e política. Por outro lado, sempre foi místico e bastante devoto do Bom Jesus e de Maria. Com tudo isso, soube equilibrar fé e razão. Neste sentido, ele se diferencia de Conselheiro e Pe. Cícero, que fomentaram o fanatismo no povo já tendente a tal fenômeno. O missionário da caridade fazia de tudo para que não lhe atribuíssem milagre algum, ou qualquer força sobrenatural. Sua intenção era, sobretudo, de que as pessoas se convertessem à caridade, superando intrigas e atendendo aos mais necessitados.

b. Ação social

Antonio Conselheiro: Conselheiro, enquanto peregrino e missionário, foi construtor, a exemplo provavelmente do Pe. Ibiapina. Na “sua órbita de ação, além das prédicas, principiou a levantar pequenos cemi-

⁶⁸ *PIPC*, p. 371.

⁶⁹ R. FAÇO, *Cangaceiros e fanáticos: Gênese e lutas*, Rio de Janeiro: Civilização, 1965, p. 135.

⁷⁰ O milagre mais famoso atribuído ao fenômeno Pe. Cícero foi o da Beata Maria Araújo, em 1890, que ao receber a hóstia das mãos de seu “padim”, esta se transformou em sangue. Os boatos que se espalharam por todas partes era de que uma nova redenção estava ocorrendo em Juazeiro.

térios e capelinhas”⁷¹. O beato passou 20 anos nesse tipo de ação, até instalar-se em Belo Monte. O espírito de “‘êxodo’, que testemunhava na vida de missionário ambulante, prolongou-se na vida comunitária de Canudos”⁷². Se Ibiapina procurou levar o Evangelho à sociedade, Conselheiro tentou constituir uma sociedade evangélica⁷³ à parte.

Pe. Cícero: A ação social desse sacerdote ainda é bastante discutida. Há os que dizem que ele nunca fez nada pela educação de Juazeiro, nem mesmo quando foi prefeito da cidade. Para outros, foi o pai do povo pobre do Cariri. Entre uma e outra versão, é certo que Pe. Cícero tinha sábios conselhos para a vida prática do povo, a quem muito ajudou: curas, higiene, plantio, alternativas simples à seca etc. Um dos maiores trunfos foi o desenvolvimento da plantação de mandioca, que minorou bastante a carência alimentar da região. Indiretamente, foi o responsável pelo crescimento de Juazeiro, que hoje é a segunda cidade do Ceará: de uma economia agrícola evoluiu para o artesanato e, conseqüentemente, conheceu o fortalecimento do comércio⁷⁴, impulsionado pelas romarias. Outro elemento histórico positivo foi a experiência de Caldeirão⁷⁵, uma espécie de segunda Canudos, que floresceu numa das terras de Pe. Cícero: seu protagonista foi o beato José Lourenço, um inflamado seguidor de “Padim Ciço”, que juntou milhares de famílias em uma comunidade organizada onde ninguém passava fome; esta foi destruída por tropas do governo em 1936, dois anos após a morte de Pe. Cícero.

Pe. Ibiapina: Ibiapina foi um modernizador, construtor e civilizador. Ele soube desenvolver obras duradouras, como os açudes, que iam além do puro assistencialismo. Neste sentido, sua ação social se situa acima da média da Igreja da época. Ele não criou uma comunidade à parte, como Conselheiro, mas quis levar o ideal da solidariedade à sociedade. Não a transformou, mas deixou sinais sensíveis de transformação através de suas obras, de sua pregação e de seu exemplo de vida.

V. Ibiapina e a opção pelos pobres na Igreja

1. Ibiapina e o contexto socioeclesial

A questão dos pobres sempre constituiu um dos temas centrais da pastoral da Igreja. Histórica e teologicamente os pobres tiveram seu

⁷¹ BARÃO DE JEREMOABO, *Cartas*, apud A. Otten, *Op. cit.*, p. 149.

⁷² A. OTTEN, *Op. cit.*, p. 363.

⁷³ O Arraial de Canudos foi uma resposta à situação de miséria em que jazia a maioria do povo sertanejo. Foi também uma resposta provocadora à sociedade opressora republicana, um protesto radical expresso no não pagamento de impostos e no não reconhecimento da República e de sua moeda.

⁷⁴ R.FAÇO, *Op. cit.*, pp. 180-182

⁷⁵ *Ibidem*, pp. 200-210.

espaço nas reflexões de teólogos, como os Padres da Igreja, e na preocupação pastoral de muitos papas, bispos, padres, religiosos e leigos, nas várias etapas da história da Igreja. Tais preocupações variavam conforme cada época, a depender dos diferentes contextos sociais em que pobres e Igreja estavam inseridos.

O contexto socioeclesial da época de Ibiapina, a nível mundial, era o da Revolução Industrial de meados do século passado. Conjuntura difícil: jornadas de trabalho de 14 horas, trabalho infantil, as más condições de vida e moradia dos operários etc. Era o tempo das nascentes lutas operárias, dos sindicatos, do marxismo etc.; movimentos em plena ebulição, que iam contra a situação causada pelos efeitos da industrialização e do liberalismo econômico. Tal conjuntura afetava também os católicos, urgindo-lhes uma resposta.

As respostas dos católicos às questões sociais da época se concretizaram em duas correntes: a linha conservadora⁷⁶ e a linha propriamente social⁷⁷.

Linha conservadora: Os principais pontos da mentalidade dessa linha eram: “Defender o direito de propriedade, condenar em bloco e sem um exame cuidadoso as obras e os autores das teses do socialismo e do comunismo, exortar os pobres à paciência e resignação”⁷⁸. Nesta corrente estavam os “atos do magistério pontifício, as obras científicas e os opúsculos apoloéticos”⁷⁹.

Linha propriamente social: Martina divide essa corrente em três períodos: até 1870; de Leão XIII à *Rerum Novarum* (1891); e da *Rerum Novarum* aos nossos dias. O primeiro período é caracterizado pelas “reflexões ainda insuficientes e das primeiras realizações, corajosas mas limitadas ao plano caritativo-assistencial”⁸⁰. O segundo, o das reflexões que serviram como base para a doutrina social cristã. O terceiro foi um passo qualitativo em termos de reflexão e iniciativas que levaram os cristãos a se abrirem e se integrarem no processo histórico de transformação, como a causa operária e sua luta contra o capitalismo.

Pe. Ibiapina se enquadra na linha propriamente social, situado particularmente no primeiro período desta⁸¹. As idéias marxistas e socialistas⁸²

⁷⁶ G. MARTINA, *História da Igreja: De Lutero até nossos dias*, IV, S. Paulo: Loyola, 1997, p. 39.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 42.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 42.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 39.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 42.

⁸¹ Pode-se considerar que suas obras foram o correspondente brasileiro às iniciativas européias protagonizadas por importantes movimentos que marcaram aquela época: As Conferências de São Vicente (1933), o Cotelengo (assistência a deficientes – 1827), escolas profissionais de D. Bosco (1845) e a obra Kolping de assistência aos artesãos. Cf. G. MARTINA, *Op. cit.*, p. 43-44.

⁸² Foram tais idéias “as grandes responsáveis pelo despertar da consciência católica” de lutar pela conquista da justiça social, G. MARTINA, *Op. cit.*, p. 66.

ainda não haviam penetrado nos grotões do sertão nordestino. Ibiapina ainda não podia dar-se conta “de que pobres e ricos não são termos paralelos, mas correlativos: há pobres porque há ricos”⁸³.

Contudo, Ibiapina superou a média da ação social da Igreja do Brasil naquela época. Boa parte do trabalho social da Igreja estava nas mãos de obras assistenciais de freiras francesas e baseava-se nos moldes europeus. Ibiapina buscou uma forma de trabalho que não deixou de ser paternalista-assistencialista, mas que tinha uma configuração muito nossa: fundou um instituto de consagradas autóctones (beatas), onde pobre ajudava pobre. O mesmo se pode dizer dos mutirões impulsivados por sua palavra e espírito persuasivo - através dos mutirões se construíram, além das Casas de Caridade, hospitais, cemitérios (lugar da dignidade na morte) e açudes. Estes últimos foram obras duradouras que escapavam ao mero plano assistencial, pois, a partir deles, o povo lutaria por sua sobrevivência.

2. Ibiapina ante a opção pelos pobres de Medellín e Puebla

O Concílio Vaticano II gestou uma nova compreensão de Igreja para todo o mundo. Sua recepção na América Latina se realizou na 2ª Conferência Episcopal Latino-americana, em Medellín, 1968. Recepção essa criativa e adaptada ao nosso continente, constituindo assim uma identidade eclesial nossa, evitando ser uma mera repetição do Concílio.

A novidade trazida pela Conferência de Medellín consistiu no fato de a Igreja da América Latina ter deixado de ser Igreja reflexo (da Europa) para se tornar Igreja fonte: ela passou a refletir sobre sua situação e a caminhar com os próprios pés. Nessa segunda Conferência é que se começou a falar de opção pelos pobres, sob a inspiração de uma “teologia que surgiu da descoberta do pobre”⁸⁴. Em outras palavras, a nascente teologia da Libertação.

A 3ª Conferência Episcopal, em Puebla, 1979, reassumiu a “clara e profética opção preferencial e solidária pelos pobres” (DP 1134) feita em Medellín.

Suposto o acima descrito, pode-se afirmar que Ibiapina, ao superar a ação social comum e corrente da sua época, protagonizou potencialmente a opção pelos pobres urdida em Medellín e reassumida por Puebla. Potencialmente, pois o que a Igreja afirmaria quase cem anos mais tarde, em nível de América Latina, estava em germe na ação do

⁸³ J.M. PIRES, *Op. cit.*, p. 19.

⁸⁴ C. CALIMAN, “A trinta anos de Medellín: uma nova consciência eclesial na América latina”, *Perspectiva Teológica* XXXI / nº 84 (1999) 168.

Pe. Ibiapina, embora ele possa não ter sido o único, em nosso continente, a realizar tal trabalho, naquele momento da história.

3. *Ibiapina fala à Igreja Hoje*

Vivemos um momento difícil: por um lado, temos a globalização do mercado, o neoliberalismo e sua economia sem piedade gerando cada vez mais pobreza e miséria. Por outro lado, uma apatia generalizada das forças sociais dinâmicas: sindicatos, movimentos populares, partidos e a própria Igreja.

Em termos de Igreja, percebe-se um arrefecimento no que se diz respeito à ação social em favor do pobre. Há um direcionamento mais para o lado de uma mística espiritualista, uma espiritualidade desencarnada, por parte da hierarquia, seminaristas e leigos. Parece que a questão dos pobres passou de moda. Neste sentido, figuras de Igreja, como o Padre Ibiapina, ainda têm muito a nos dizer. É claro que não devemos copiar literalmente o que ele fez, nem poderíamos, mas podemos apreender os princípios e o espírito que o levaram a tão grande feito. O princípio que norteou sua vida foi a caridade, como mandamento do Bom Jesus. O espírito evangélico o levou aos pobres e fez Ibiapina entregar sua vida à causa deles. Ele não esperou as coisas caírem do céu, mas buscou soluções, alternativas, a partir das condições imanentes ao próprio meio onde atuou. Tal exemplo deve ser discernido por nós que somos Igreja e temos uma dívida espiritual para com os pobres! Devemos juntar exemplos, como o de Ibiapina, com a tradição latino-americana de Puebla e os recursos das ciências sociais, que têm avançado bastante ultimamente⁸⁵. Tudo isso para colaborar para que o pobre tenha mais vida. Tal tarefa se faz urgente, ainda mais numa época em que a pobreza, o desemprego, a miséria se avolumam e em que a esperança parece desfalecer.

Luis Araujo Pinto Júnior SJ é Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus em Belo Horizonte.

Endereço: Paróquia Na. Sa. do Perpétuo Socorro
Av. Wenefrido Melo, 141, Mondubim
60762-410 Fortaleza — CE
e-mail: juniorsj@rocketmail.com

⁸⁵ O uso das ciências sociais é imprescindível dentro do universo da opção pelos pobres na Igreja. Mas, por outro lado, tal opção vai além disso. É preciso “saber ver, a partir da fé e com discernimento teológico, a essencialidade teológica da opção pelos pobres independente da crise de paradigmas teóricos e das análises sócio-políticas”, J.M. VIGIL, “O que fica da opção pelos pobres?”, *Perspectiva Teológica* 26 (1994) 211.